

---

## AS MICRO-IDENTIDADES DA REGIÃO DAS MISSÕES JESUÍTICA-GUARANI ATRAVÉS DA INTERPRETAÇÃO DAS PAISAGENS CULTURAIS: UMA DIALÉTICA COM AS REFLEXÕES DE GUY DI MÉO

Muriel Pinto<sup>1</sup>

**Resumo:** A Região Histórica das Missões Jesuítica-Guaranis possui um patrimônio diversificado. Atualmente esses bens culturais, estão sendo melhor planejados por órgãos nacionais e internacionais. No entanto, percebe-se a falta de estudos voltados para a análise da construção da identidade missioneira e suas relações com as transformações do espaço. O artigo centrou-se em analisar a construção identitária missioneira a partir da interpretação das paisagens regionais, visando refletir sobre a constituição dos espaços sociais. Para tanto, foi utilizado como matriz teórica às reflexões do pensador francês Guy Di Méo. O estudo destaca-se por propor a discussão de uma visão não unificada para a identidade missioneira, pois a pesquisa consegue identificar diversas identidades sócio-espaciais na região. Cabe salientar que os pensamentos de Guy di Méo contribuíram para a integração de conceitos entre, identidade, patrimônio, espaços sociais, paisagens, e turismo. O que propõe uma visão inovadora para a Geografia Cultural das Missões.

**Palavras-Chave:** Missões Jesuítica-Guaranis; identidade sócio-espacial; paisagens culturais; Guy di Méo.

### *The micro-identities of Region Jesuiti Guarani Missions through interpretation of cultural landscapes: a dialectic with the reflections of Guy Di Méo*

**Abstract:** The Historic Region of Jesuit Guarani Missions has a diverse heritage. Currently these cultural assets are being planned by best international and national bodies. However, one notices the lack of studies to analyze the construction of the missionary identity and its relations with the transformations of space. The article focused on analyzing missionary identity construction from the interpretation of regional landscapes, to reflect on the creation of social spaces. There fore, it was used as a theoretical framework to the reflections of the French philosopher Guy Di Meo. The study stands out for proposing the discussion of a unified vision for the identity not missions, because the research can identify various socio-spatial identitie sin the region. It should be noted that the thoughts of Guy Di Meo contributed to the integration of concepts between, identity, heritage, social spaces, landscapes, and tourism. What proposes an innovative vision for the Cultural Geography of the Missions.

**Key-Words:** Jesuit-Guarani missions; identity socio-spatial; cultural landscapes; Guy Di Meo.

---

<sup>1</sup> Licenciado em Geografia pela (URI) Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - Campus Santo Ângelo/ RS, mestre em Desenvolvimento Regional pela Universidade de Santa Cruz do Sul e Doutorando em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: [murielpinto@yahoo.com.br](mailto:murielpinto@yahoo.com.br)  
DOI: 10.7154/RDG.2012.0024.0008

## INTRODUÇÃO

A criação da Região Histórica das Missões no Brasil, esta relacionada à construção das Reduções Jesuítica-Guaranis, durante os séculos XVI e XVII. Nesse período foram criados os chamados Sete Povos das Missões. Entre os povoados missioneiros citam-se: São Francisco de Borja (1682), São Nicolau (1687), São Luiz Gonzaga (1687), São Miguel Arcanjo (1687), São Lourenço Mártir (1690), São João Batista (1697) e Santo Ângelo Custódio (1706). Segundo Gutierrez (1987, p.9), as reduções eram “núcleos urbanos onde se reduziavam os indígenas de parcialidades afins que viviam dispersos em áreas rurais. Sua finalidade essencial estava em assegurar a concentração de maneira a possibilitar uma aprendizagem eficaz da doutrina em um rigoroso controle tributário”.

A definição de um território específico para a instalação de um povoado reducional passava por critérios geográficos e estratégicos. Em relação ao processo de instalação das reduções eram levados em conta diversos fatores geográficos e estratégicos que pudessem contribuir com as políticas comerciais, de defesa territorial e sustentabilidade dos povoados guarani, como: proximidade de bacias fluviais, busca de pontos altos e de fácil acesso e defesa. (GUTIERREZ, 1987).

Conforme Neumann (1996, p. 50) a “redução foi à maneira (método) de empreender a Missão”. Nos planos urbanos eram valorizadas as formas ideológicas do Barroco (POENITZ, 2005). As reduções brasileiras foram instaladas na área de abrangência da bacia do rio Uruguai.

Segundo Ramos (2006), o processo de povoamento da Região Missioneira pode ser descrito em três fases de ocupação: primeira fase (ocupação das etnias Guarani, Kaingang, Charrua); segunda fase (marcada pelo domínio econômico e cultural de portugueses e espanhóis); terceira fase (entrada de colonizadores alemães, italianos, russos e poloneses, entre outros).

Como descreve Ramos, a região das Missões no Rio Grande do Sul, passou ao longo de seu processo de povoamento por um processo de miscigenação étnico-cultural que gerou algumas alterações nas atividades socioeconômicas regionais. Portanto, observa-se que os resquícios do período reducional juntamente com os elementos culturais europeus são fatores que contribuíram para a construção de uma identidade regional, que é representada através de elementos materializados e simbolizados no Patrimônio Histórico e Cultural.

A área em estudo localiza-se na abrangência do bioma Pampa e de sítios arqueológicos das antigas reduções Guarani. A região Histórica das Missões é composta por municípios integrantes do Noroeste do Rio Grande do Sul, assim como São Borja que é pertencente à Fronteira-Oeste do estado.

O período reducional por ter sido o primeiro momento histórico regional até hoje apresenta resquícios e representações que simbolizam a história e a cultura Jesuítica-Guarani dos séculos XVII e XVIII. Ao se analisar o Patrimônio Cultural missioneiro no Brasil, observa-se que existe uma grande diversidade de bens patrimoniais materiais, como: os sítios arqueológicos, monumentos, estatuárias religiosas, festas e manifestações artísticas, entre outros. Nos últimos anos percebe-se ações voltadas para o planejamento turístico, que objetiva melhor utilizar tais bens culturais regionais.

No que diz respeito a principal matriz teórica utilizada no texto, cabe destacar que o francês Guy Di Méo atualmente destaca-se como uma das principais matrizes teóricas globais, que vem melhor pensando a geografia social e geografia cultural como linhas de interpretação das transformações identitárias do espaço. O devido autor destaca-se por estar refletindo de forma inovadora, pois estuda o espaço de forma crítica e interdisciplinar, abarcando diversos conceitos como, das áreas da sociologia, antropologia, geografia, história, artes, entre outras. Sendo assim, Guy di Méo contempla e interpreta os espaços de vida, espaço vivido, matriz histórica do espaço, combinações e formações sócio-espaciais, sistema de autores locais. O que instiga o estudo das representações através das paisagens identitárias.

Nesta perspectiva, cabe destacar que o principal objetivo do estudo centrou-se em analisar a construção identitária missioneira a partir da interpretação das paisagens regionais. Para tanto, procurou-se pensar o espaço social regional através de uma análise crítica ao essencialismo cultural imposto nas narrativas e simbologias das Missões.

### ***A Patrimonialização do Território Missioneiro***

A história e as manifestações culturais desenvolvidas no período reducional reproduziram costumes, tradições e símbolos que até hoje são visualizados na região Missioneira. Essa conjuntura de manifestações são representadas através do patrimônio histórico-cultural.

Conforme Arizpe e Nalda (2003), o patrimônio envolve os produtos e as expressões do sentir, do pensar e do agir dos humanos, fatores esses que instigam a recordação de

momentos históricos através da memória. Portanto, pode ser definindo como aquilo que fornece à população nativa, a representação de um sentimento de pertinência.

Ao analisar o patrimônio cultural missioneiro no Brasil, observa-se que existe uma grande diversidade de bens patrimoniais materiais, como sítios arqueológicos, monumentos, estatuárias religiosas, festas e manifestações artísticas, entre outros. No entanto, cabe salientar que o contexto patrimonial regional não está apenas relacionado às Missões, mas também a cultura gaúcha, européia, afro-descendentes, entre outras.

A cultura materializada e os resquícios do período reducional estão representados em maior escala no entorno dos quatro sítios arqueológicos (São João Batista, São Lourenço, São Miguel Arcanjo e São Nicolau). Estes sítios são reconhecidos atualmente como Parque Histórico Nacional das Missões. Conforme Pommer (2008), o repovoamento da região na segunda metade do século XX contribuiu com a destruição do patrimônio das antigas reduções, por outro lado as localidades que mantiveram o povoamento rarefeito foram as que tiveram os bens patrimoniais mais preservados.

De acordo com o IPHAN, a região missioneira possui uma diversidade de monumentos (quatro sítios arqueológicos; igrejas; arquitetura funerária; monumentos simbolizando o período missioneiro; imóveis com variados estilos arquitetônicos; grande quantidade de estatuárias com estilo barroco). Cabe comentar, que entre os bens materiais móveis encontrados nas Missões, destaca-se um número expressivo de instituições culturais com acervo diversificado sobre a cultura missioneira e de diversas etnias, como museus, bibliotecas, arquivos históricos.

Em relação aos modos de fazer, enraizados no cotidiano da comunidade regional, observa-se que foram criados nos últimos anos, diversos produtos turísticos que visam potencializar o artesanato e a gastronomia missioneira como atrativos típicos. Neste contexto, constantemente entra em cena o discurso do tipo social do gaúcho missioneiro, da figura mítica de Sepé Tiaraju<sup>2</sup>, exaltação de lendas e contos.

---

<sup>2</sup> Figura mítica regional, reconhecida pela sua bravura e liderança em defesa das Missões, na Guerra Guaranítica.



**Figura 1:** Estatuária barroca

Fonte: Elaboração própria



**Figura 2:** Sítio Arqueológico de São Miguel das Missões

Fonte: Rota Missões



**Figura 3:** Fonte natural missioneira (São Borja)

Fonte: Elaboração própria

Seguindo nessa seara, torna-se pertinente analisar a relação conceitual entre território e patrimônio. Segundo Di Méo (1995), a dinâmica atual do patrimônio se caracteriza por dois tratados principais. Primeiro tem, incontestavelmente, a característica de se dotar de uma dimensão espaço-territorial. Em segundo, escreve uma dialética de troca de relações com a criação do concreto e do abstrato, do material e da idéia, da profania e do sagrado (tradicional) (DI MÉO, 1995).

Conforme Di Méo (1995), o patrimônio e o território possuem uma parentesco conceitual, eles escrevem no tecido social a continuidade histórica, todos em constituição de sólidos fenômenos culturais, acrescentam para a sociedade um duplo papel decisivo de mediação interpessoal (ou inter-grupo) e de cimento identitário.

Guy Di Méo (1995, p.22) define o patrimônio como territórios da vida. Neste sentido o autor destaca que o fascínio de pesquisar estes territórios envolve duas linhas de reflexão: uma voltada para um potencial ecológico e natural, outra procura ver como a sociedade se relaciona com a terra, “assim a cidade é um bairro que envolve todas as épocas, e simultaneamente desempenha dupla função integrada entre o patrimônio e o território”.

Para Di Méo (1995) a extensão do valor patrimonial contribui para a construção do espaço:

Este tema descrito possui um valor, portanto assim o significado em diversas formas materiais, objetos ou dispositivos do espaço, se transfere da segregação social do espaço, este tornando-se, ou seja, o ponto de

impor qualquer transformação abrupta das maneiras de tratar, resumidamente toda a demarcação patrimonial tende a se confrontar com os processos de territorialização (DI MÉO, 1995, p. 16).

Por outro lado, todos os objetos podem adquirir um status patrimonial, todos os espaços, da mesma maneira podem acessar o status de território. E procede de um processo de adaptação do grupo que se apropria (do território ou do patrimônio), não somente se compreende a significação, mas através dela se identifica. (DI MÉO, 1995).

No que diz respeito à dinâmica espaço-territorial do patrimônio missioneiro, torna-se pertinente comentar que os sítios arqueológicos regionais são midiaticizados como os lugares onde se concentram e são reproduzidas a grande maioria das práticas culturais regionais. Estas áreas urbanas, das antigas reduções, por manterem uma arquitetura impactante, destacam-se por serem os principais símbolos culturais missioneiros, o que torna os sítios, territórios protegidos e mais fomentados pelos órgãos públicos. Por mais, que os mesmos não apresentem as maiores manifestações culturais missioneiras.

Conforme estudo realizado pelo IPHAN, em convênio com o IAPH (Instituto Andaluz de Patrimônio Histórico, Sevilla, Espanha), a região missioneira possui na grande maioria de suas municipalidades elementos culturais que simbolizam as Missões. No entanto os sítios arqueológicos são planejados e midiaticizados como sendo “o espaço missioneiro”. Como percebe-se, o Parque Histórico regional impõem-se como um território segregado perante as demais localidades, ou seja, sua forma física gera alteridades sociais e formas de dominação no espaço regional.

Sendo assim, percebe-se um confronto dessa área fechada perante as outras territorialidades culturais e econômicas, como é o caso da diferenciação perante as outras microrregiões missioneiras. Um fator influenciador para que o território do Parque Histórico esteja espacialmente controlando a região, são os interesses de difusão do turismo. Como exemplo, desse poder espacial, destaca-se o sítio arqueológico de São Miguel Arcanjo, que recebe tratamento diferenciado, tanto no planejamento turístico, como cultural na devida região.

Pela preservação e conservação que vem ocorrendo desde a década 1920, as áreas dos sítios arqueológicos possuem um sistema natural conservado, que constantemente vem sendo planejado como parte integrante do Patrimônio missioneiro. A vegetação pampiana e as fontes naturais missioneiras são áreas naturais que também podem ser consideradas parte integrante do Patrimônio natural regional. Cabe comentar, que estes elementos naturais

possuem relação com a história e a cultura das Missões, gerando significados e sentidos à população regional. No entanto, o principal elemento natural da região, o rio Uruguai não passa seu leito nas proximidades do devidos sítios.

Para Di Méo tanto os territórios como os patrimônios podem ser materializados:

As mutações contemporâneas que afetam o conceito patrimonial eventualmente possuem duas direções principais. Uma conduz para os monumentos puntiformes (objeto) para o entendimento espacial (zona a proteger), susceptível e apropriado a adquirir uma dimensão territorial. A outra vislumbra no objeto concreto (monumento, obra de arte, ferramenta perdeu seu valor de usagem) ver as formas patrimoniais infinitamente abstratas, imateriais (tal paisagem que quase não é interpretada, desapareceu, tal lembrança de um evento relata lugares e passado, sua memória histórica...) sela um caminho que evoca também uma relação de respeito, no processo de territorialização, este que gera uma representação social a função simbólica serve de exemplos para mais ou menos complexos de dispositivos espaciais (DI MÉO, 1995, p. 20).

No caso missioneiro, comprova-se que os símbolos regionais estão constantemente sendo reproduzidos em lugares estratégicos. Essa materialização dos elementos culturais apresenta-se como ações políticas, que buscam realizar uma maior difusão da ideologia missioneira. A partir de tais obras físicas, são demarcados o que podemos chamar de “territórios missioneiros”, que após sua monumentalização tornam-se susceptíveis a proteção.

Nesse contexto, não podemos deixar de comentar que as políticas culturais missioneiras carecem de maiores interpretações no que diz respeito a como esta sendo construída a identidade regional e qual a importância do patrimônio imaterial para a criação das representações culturais populares. Um instrumento de pesquisa interessante para analisar tais fatores, são as paisagens culturais regionais, pois estas representações trazem para a discussão a questão do imaginário popular, servindo de base para as interpretações identitárias.

### ***Revisão Conceitual das Paisagens Culturais***

As representações culturais podem ser definidas como formas interação da sociedade com seu espaço cultural. As paisagens culturais são exemplos práticos destas representações. Nos últimos anos, foram realizados diversos debates entorno da inserção das Paisagens e dos Itinerários culturais, como dois novos bens culturais da UNESCO. Estes novos bens

culturais vêm recebendo um destaque especial por parte dos governos brasileiro e argentino.

Em 2007, foi criada a Carta de Bagé, documento que tem por “objetivo a defesa das paisagens culturais em geral e, mais especificamente, do território dos Pampas e das paisagens culturais de fronteira”. No ano de 2009, foi oficializada a proposta de criação do projeto Itinerários Culturais do Mercosul, onde foi proposto como projeto piloto o Itinerário Cultural da Região das Missões Jesuítico-Guarani. O principal objetivo deste projeto é a criação do Guia de paisagem cultural da região missioneira. No mesmo ano de 2009, o governo brasileiro criou a chancela das paisagens culturais brasileiras.

O conceito de paisagem tradicionalmente sempre esteve ligado às reflexões geográficas, no entanto nos últimos anos percebe-se que a temática das paisagens culturais estão sendo pensadas a partir reflexões interdisciplinares. Um exemplo prático desta abertura conceitual pode ser percebida a partir dos projetos da UNESCO, que desde 2009, consideram as paisagens culturais como novos bens internacionais. Neste sentido, torna-se pertinente discutir esta temática a partir de uma interação entre a visão geográfica e das ciências sociais.

O francês Guy Di Méo um grande especialista nos estudos dos espaços sociais, define as paisagens como um objeto etnológico. Suas representações se manifestam sobre diversos panoramas, ou sob os pontos de vista do patrimônio, dos lugares de vida, e das formas espaciais da atividade econômica.

Segundo Di Méo (1995, p.18) as paisagens contribuem para o nascimento dos lugares de memória:

O parentesco do patrimônio e do território é ainda mais flagrante quando os olhos voltam-se para a composição emblemática da paisagem no território. Esta que é uma ambigüidade. Tanto substância por que a arte é servida de modelo e se classifica deliberadamente entre as categorias patrimoniais ao ponto de suscitar a salvaguarda do espaço que lhe deu nascimento. O que importa na realidade é que a paisagem é simbólica! As vezes, como a paisagem (versão rural) reste, mais prosaicamente, isto “combinação concreta ou intervenção de um grande numero de fatos: o habitat, o enredo, os caminhos, etc...” como nos lembra os dicionários de geografia. Contudo, mesmo neste sentido um pouco trivial, ela ancora matéria numa passarela sólida entre território e patrimônio.

Sendo assim, as imagens estão relacionadas com o passado, pois transmitem a posteridade, numa interação entre história e estética (definição de patrimônio), ou pelas forças dos hábitos, de experiências repetitivas do cotidiano.



Para Di Méo (2004), as paisagens promovem a classificação de símbolos territoriais, o que enriquece as representações identitárias de grupos sociais singulares. As imagens engendradas constituem prévias da apropriação social dos lugares e da mobilização de um processo de reconhecimento de uma identidade coletiva (DI MÉO, 2004). Para tanto, a análise da construção das identidades territoriais devem se basear no tripé: paisagens, bens patrimoniais e atividades econômicas. Sendo assim, os espaços de vida podem ser interpretados por estas representações (DI MÉO, 2004).

Seguindo nessa linha de raciocínio, cabe destacar que à criação destas representações resultam de uma intensa produção de idéias, ideologias e ações políticas. Neste sentido elas não se distinguem das territorialidades e dos territórios (DI MÉO, 2004).

Por tanto,

A noção de equilíbrio que evoca o território é encontrada nas paisagens, pois são componentes visuais que encontram uma ordem impossível. Representada ou não pela arte (a pintura em particular), a paisagem adquire uma dimensão estética e moral: sua aplicação na ordem da paisagem; é bem (derivação perigosa) qualificação na ordem territorial, principalmente no que diz respeito a uma relação harmoniosa entre sociedade e seu espaço (DI MÉO, 2004, p. 29).

A partir desta citação, o autor instiga refletir o que esta por trás da paisagem, pois as “âncoras sócio-espaciais mais abstrata e as jogadas profundas de nossos atores, nos trazem para jogos de escalas territoriais complexas: significando e gerando a territorialidade de cada um”(DI MÉO, 2004, p. 141).

Para dialogar com as reflexões de Guy Di Méo, buscou-se autores com percepções variadas. Para Sauer (1998), as paisagens culturais possuem qualidade orgânica, pois apresentam elementos materializados. Sua interpretação requer um entendimento abstrato, pois envolve uma compreensão antropológica, a observação possui relação com o individual. Já sua representação envolve uma síntese coletiva, que descreve um somatório de características.

Sendo assim, elas contribuem para a produção, reprodução e transformação de uma certa lógica (SAUER, 1998; BERQUE, 1998). Para a compreensão do sentido das paisagens, torna-se necessário entender essa lógica, que requer uma compreensão histórico-cultural e das transformações do espaço. Para Sauer (1998, p. 59) a paisagem cultural é modelada a partir de uma paisagem natural por um grupo cultural. A cultura é o agente, a área natural é o meio, a paisagem cultural o resultado.

Nos projetos culturais internacionais, as paisagens culturais são conceituadas como representações que envolvem combinações do meio natural, com as transformações humanas no espaço (CARTA DE BAGÉ, 2007; PROJETO ITINERÁRIOS CULTURAIS DO MERCOSUL, 2009). Um diferencial destas políticas em relação à Sauer, diz respeito à inserção dos bens culturais como objetos representados nas paisagens, o que envolve a interpretação da dimensão do patrimônio material e imaterial.

Berque (1998), conceitua as paisagens a partir de uma aproximação entre a visão geográfica e a matriz sociológica. Nas suas reflexões o autor defende a compreensão das paisagens através dos símbolos orgânicos e ao mesmo tempo propõe a análise crítica de seu processo de construção. Uma vez que elas possuem um poder de influência nas alteridades sociais, culturais e identitárias. Santos (1996, p. 16) reafirma o argumento de Berque, ao citar que “a paisagem é história congelada, mas participa da história viva. São as suas formas que realizam, no espaço, as funções sociais”. A partir de tais reflexões, expõem-se a necessidade de uma reflexão crítica sobre a historiografia dos espaços (TUAN, 1980), pois a compreensão das trajetórias históricas torna-se um instrumento valioso para a identificação e análise das transformações paisagísticas.

### ***As Paisagens Culturais Missioneiras Partir do Estudo dos Festivais Musicais Regionais: uma reflexão crítica***

A partir das discussões teóricas referentes às paisagens culturais, idealizou-se um estudo de caso na Região Missioneira, que objetivasse confrontar os conceitos com representações práticas.

No que diz respeito a análise das representações culturais missioneiras, optou-se por estudar os festivais musicais regionais, que centrou-se nas implicações geográficas destes eventos, assim como na análise das paisagens construídas nas composições musicais presentes.

Como foi descrito por Di Méo, as paisagens possuem caráter simbólico, onde se afirmam através da relação história e estética, que esta materializada nos bens patrimoniais. No caso missioneiro, percebe-se através da história e do patrimônio regional que existem diversas simbologias que estão representadas no espaço. Entre as principais destaca-se: a Cruz de

Lorena<sup>3</sup>, figura de Sepé Tiarajú, antigas reduções (resquícios reducionistas), gaúcho missioneiro (pampa e musicalidade), rio Uruguai (símbolos naturais), símbolos religiosos (religiosidade), símbolos M'byas Guarani, e simbologias étnicas.

Portanto, observa-se que a Região das Missões possui uma grande diversidade de simbologias que estão representadas de forma material e abstrata no espaço. Sendo assim, a cultura regional esta constantemente sendo reproduzida em diversos tipos de atividades e sociabilidades. Para tanto, foram selecionadas as seguintes festividades: Canto missioneiro de Santo Ângelo, Ronda de São Pedro e Festival da Barranca realizados em São Borja.

No decorrer dos devidos eventos, levantou-se letras musicais e imagens relacionadas às festividades, que foram estudadas através da análise do discurso. Antes de partir para a interpretação das representações, cabe discutir qual a dialética das festividades com a geografia.

Conforme Di Méo, as festas e festividades possuem grandes implicações geográficas:

Estes eventos novos ou renovados são caracterizados por cuidados institucionais e uma dimensão artística aumentada. Eles também apontam para o surgimento de suas funções política, ideológica e econômica. Geograficamente, os festivais retratam a identidade e a imagem das cidades, a solidariedade e unidade regional. Estes eventos inscrevem seus lugares numa geografia de redes, que valorizam diferentes escalas regionais. Eles descrevem relações dinâmicas entre o local e global, rural e urbano, espaços públicos e privados, neste contexto o espaço-tempo específico e sequencial das festas resiste, apesar das agressões que estão sujeitos (2005, p. 1).

A partir desta afirmação de Guy Di Méo, percebe-se que a organização de um evento cultural esta marcada pelos sentimentos de pertinência popular e ao mesmo tempo por relações de poder. Sendo assim, “além do lugar festivo, são territórios que estão em questão, territórios bem reais, ou somente representados, imaginados e sonhados” (Di Méo, 2005, p. 237).

Como já descrito, no caso missioneiro as implicações geográficas das festividades foram analisadas através das paisagens culturais. As áreas de realização dos eventos ocorrem em espaços simbólicos para o contexto missioneiro: Catedral Angelopolitana de Santo Ângelo (Canto Missioneiro), e margens do rio Uruguai em São Borja (festival da Barranca). No caso

---

<sup>3</sup> Uma das principais simbologias missioneiras, que representava a fé redobrada que estava relacionada à cristianização jesuítica na região. (ver figura 5, que representação da cruz como premiação do Festival Canto Missioneiro).

da Ronda de São Pedro, o local de realização geralmente é Centro Nativista Nativista Boitatá (local possui simbologias relacionadas às missões).

Em relação às funções dos festivais regionais, pode-se afirmar que as interferências ideológicas da cultura gaúcha é algo perceptível, pois a mistura do gauchismo e missioneirismo, são características marcantes do gaúcho missioneiro, o tipo social regional. Já no quesito das funções políticas, cabe comentar que estes eventos possuem um caráter influenciador na valorização e preservação do patrimônio missioneiro, pois tornam-se estratégias valiosas de educação patrimonial.

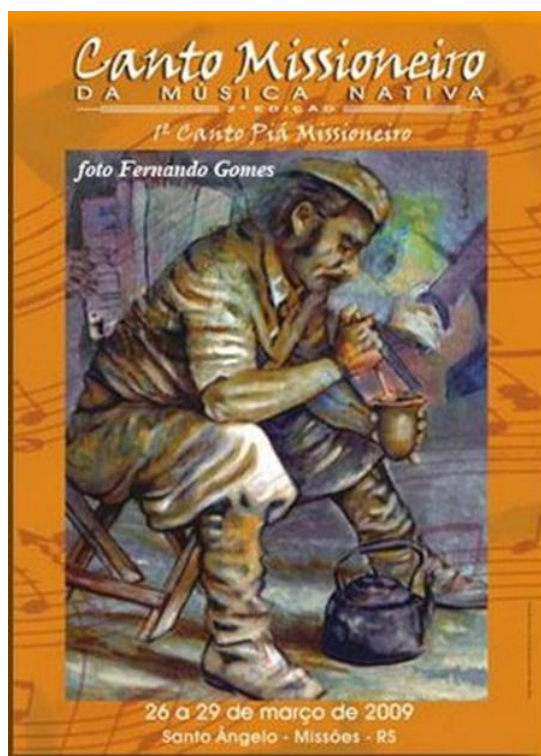


Figura 4: Folder do Festival Canto Missioneiro  
Fonte: Canto Missioneiro



**Figura 5:** Festival Canto Missioneiro  
**Fonte:** Prefeitura Municipal de Santo Ângelo

O discurso de valorização da cultura das Missões, foi mais evidenciado no Canto Missioneiro, pois o mesmo centra-se nessa temática. Já nos outros eventos, notou-se um número maior de representações relacionadas às questões naturais regionais, como foi o caso das exaltações ao rio Uruguai presentes no festival da Barranca de São Borja. O festival Ronda de São Pedro, possui como temática as questões juninas. A partir destas peculiaridades, apresenta-se o que Guy Di Méo defende como geografia das redes através dos festivais, ou seja, a cultura missioneira acaba se integrando com elementos culturais relacionados a outras escalas regionais, como: elementos nordestinos (no caso da Ronda), cultura correntina da Argentina (cultura do chamamé), e cultura rio-grandense.

A partir da análise discursiva das composições musicais, foi possível levantar diversas imagens que foram representadas pelos artistas missioneiros, vozes estas que contribuem para a construção das narrativas identitárias da região. No decorrer dos festivais, pode ser percebida a exaltação das simbologias missioneiras, assim como foi notado discursos de pertencimento ao espaço regional. O que pode ser percebido nos títulos das composições musicais, como exemplo: “tributo de Sepé”, “Ao pé da cruz missioneira”, “Ainda lutamos

pela terra”, “Guarani”, “o cavalo e o tempo”, “três pampa e um homem”, “São Borja Tricentenária” entre outras.

As letras musicais dos devidos festivais revelaram diversas vozes de pertencimento à região, que representaram: a utopia, bravura e religiosidade do espaço missioneiro; características físicas e pertencimento ao pampa; características geográficas (terra vermelha, rios poluídos, rio *itaquarinchim*); representação da fauna (bem-te-vi, João de barro e quero-quero); perda de identidade e situação de miserabilidade dos índios *M’byaGuarani*; ;exaltação ao rio Uruguai; a figura de mítica de Sepé Tiarajú; simbologia da cruz de lorena;lembranças do período reducional; cultivos agrícolas (exemplo cultivo do trigo); exploração colonial; lembranças dos conflitos; pertencimento a Santo Ângelo; exaltação a catedral de Santo Ângelo.

Através dos discursos, foram expostas diversas paisagens, imagens estas que representam a história, geografia, cultura e sociabilidades regionais. Sendo assim, no contexto dos festivais foi possível perceber como as simbologias e práticas sociais das Missões, estão sendo narradas pela comunidade e quais os sentidos e significados que as representações possuem para esse nicho da comunidade.

Neste sentido, pode-se afirmar que a espiritualidade e as manifestações religiosas ainda permanecem como discursos constantes nas Missões. Estes imaginários são sustentados através de diversos instrumentos que contribuem para a manutenção das narrativas utópicas missioneiras, como é o caso das instituições culturais (museus, centros de cultura) e das tradições católicas (amparadas nas estatutárias missioneiras). O próprio setor turístico vende a região através da religiosidade, pois define a mesma como “Terra sem males” (ROTA MISSÕES).

Outro fator que cabe comentários, é a identificação musical com a geografia das Missões. Pode ser percebido um pertencimento pelo pampa, onde foram narradas diversas características físicas do bioma em questão, como a ocorrência de coxilhas, relação com os campos, e peculiaridades geológicas regionais (terra vermelha originaria do planalto arenito-basáltico). No contexto de valorização das questões naturais, percebeu-se uma identificação artística pela rede hidrográfica missioneira, através da exaltação dos rios Uruguai, *Ijuí e Itaquarinchin*. A fauna regional também foi lembrada através de aves típicas do sul do Brasil. Em relação à economia, houve narrativas que se voltaram para exaltação da agricultura, através do cultivo do trigo. No que diz respeito ao social, percebeu-se uma sensibilização

com a atual situação dos descendentes *M'Bya-Guaranis*, que vivem situação de miserabilidade. Portanto, como se observa as paisagens possuem relação com os "pontos de vista do patrimônio, dos lugares de vida, e das formas espaciais da atividade econômica" (DI MÉO, 1995).

### ***Fragmentação da Identidade Missioneira e seus Espaços Sociais***

A partir das relações conceituais sobre patrimônio, paisagem, território, e festividades culturais, percebeu-se que as simbologias e discursos representados no espaço são instrumentos valiosos para a análise da construção das identidades. Neste sentido, o capítulo seguinte objetivou-se em analisar como estão sendo construídas as diversas identidades sócio-espaciais missioneiras e suas relações com a constituição dos espaços sociais regionais.

Conceitualmente as identidades podem ser definidas como consequência de uma construção social, portanto fazem parte de uma complexidade social. Seu processo de construção pode-se dizer que é relacional, ou seja, sua produção constitui-se por uma relação binária (nós/eles), marcada pela diferença (CUCHE, 2001; SILVA, 2000).

Na verdade "as identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter certa correspondência" (HALL, 2000, p. 108). Portanto, neste processo construtivo elas não são "simplesmente definidas, elas são impostas". (SILVA, 2000). Através destas relações de poder, as narrativas identitárias vem sendo pensadas a partir de uma matriz essencialista, o que expõem idéias que se preocupam com a naturalização dos fatos (cristalização da cultura), por sentimentos de pureza, que contribuem para a proliferação de estereótipos sócio-culturais no espaço.

Seguindo nesta seara, torna-se pertinente melhor entender como as narrativas identitárias estão dialogando com as transformações territoriais, pois nos últimos anos percebe-se o ressurgimento do interesse pelos estudos referente aos espaços sociais, reflexões estas que estão de acordo com diversos pensamentos de Guy Di Méo.

Conforme Di Méo, as identidades possuem um caráter sócio-espacial, onde seus processos constitutivos estão atribuídos a relação território/ patrimônio. Como havia sido salientado anteriormente, à construção das identidades se apegam as simbologias materializadas no espaço, portanto os bens patrimoniais assumem nessa discussão um papel estratégico como

agente influenciador aos processos de identificação sócio-culturais. Neste caso, “quando a sociedade se apropria destes instrumentos acaba se identificando e criando significados para o espaço patrimonializado (DI MÉO, 1995).

Sendo assim, “a identidade territorial e patrimonial não se limita a uma constância de existência mais ou menos frágil, ela torna-se uma novidade, criação, redescoberta e renascimento, em relação a situações atuais” (DI MÉO, 1995, p. 26).

Em suma, o banal e o tradicional “para se definir o lugar de onde estamos”, a novidade começa “quando esse sistema de coordenadas não imprime uma ordem imutável, mas a oferecer como discurso maleável de desejo (DI MÉO, 1995, p. 26).

Essa reflexão de Di Méo vem de acordo com as discussões de Zygmunt Bauman (2003), que enfatiza que as identidades estão constantemente sendo transformadas, através de trocas culturais, ou seja, as narrativas identitárias não são fechadas, e sim relacionais no espaço, o que contribui para a criação de territorialidades. Os valores produzidos pela relação espacial que desenvolve a sociedade enraizada, patrimonializada e territorializada, também desempenham uma relação dialética de legitimação (DI MÉO, 1995). As identidades são bem compreendidas como marcadores sociais que caracterizam os espaços de vida dos indivíduos e dos grupos (DI MÉO; BULÉON, 2005a).

Neste contexto:

O território deve cumprir uma função de mediação entre o indivíduo e a sociedade, também entre a sociedade e o espaço. O território é investido, ou presente em lugares, nos objetos, na arquitetura, o valor patrimonial realiza uma união da memória comunitária, marcada pelos símbolos e elementos estéticos, de seus ambientes elegantes, que transparecem grandes trabalhos, demonstração de uma saber e de uma paixão (reputação coletiva própria a qualquer um), um com o mesmo espírito de orgulho (pertencimento), em referencia a uma mesma cultura inscrita de um mesmo território apropriado (DI MÉO, 1995, p.26).

Com esta citação, observa-se que a patrimonialização do território influencia diretamente nas ações de pertencimento da sociedade, perante seus diversos tipos de identidade, que recebe influencias de caráter ideológico, político e mercadológico. A criação de espaços-temporais também pode ser descrito como uma consequência da relação patrimônio/território.

Conforme Lefebvre (1999), no processo de construção das cidades e dos fenômenos urbanos, os espaços-temporais assumem uma função essencial, pois possuem características



peculiares a sua fisionomia, sua paisagem e aos seus habitantes, como é caso das cidades históricas.

### **A Fragmentação da Identidade Missioneira**

Conforme o estudo de diversos projetos culturais nacionais/ internacionais, a região das Missões é exposta como uma área unificada culturalmente. Só que na prática, observa-se que a identidade regional encontra-se marcada pela diferença, no que se refere a alguns municípios quererem “ser mais missioneiros” que outros. Esta busca incessante por uma maior missioneirismo, pode estar relacionada com o fato de a identidade regional estar fragmentada em outras micro-identidades. (“Autor”, 2011).

A experiência da diferença gera conflitos pela redistribuição do poder. Em relação às Missões, percebe-se que a estratégia de integração regional, voltada para consolidação da identidade missioneira, gera ao mesmo tempo, uma hibridização cultural, e por outro lado esconde os outros tipos identitários regionais. Sendo assim, AUTOR (2011) defende que a identidade missioneira vem transformando-se ao longo dos tempos, o que proporciona que suas narrativas se misturem com outros tipos identitários regionais. Através desta ótica, AUTOR (2011) traz para a discussão a fragmentação da identidade regional em em três micro-identidades : 1) identidade missioneira-pampeana; 2) identidade missioneira-reducional e 3) identidade missioneira-européia (ver figura 6 e quadro 1).



Tipos identitários missioneiros	Características socioeconômicas	Características culturais	Marcadores de diferença
Identidade missioneira-pampeana	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Região de influência pampeana</i>, constituída pelo municípios de (São Borja, Bossoroca, Itacurubi, Santo Antônio das Missões e Garruchos).</li> <li>- Esta micro-região por estar na área de abrangência da Campanha Gaúcha, possui características sociais e econômicas relacionadas aos grandes proprietários e a figura do gaúcho. Destaca-se pela pecuária e lida campeira.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Por estar localizada na Campanha, na fronteira com a Argentina (via rio Uruguai), apresenta uma diversidade de identidades como: missioneira, ribeirinha, fronteiriça, gaúcha.</li> <li>- Portanto, está micro-região destaca-se nas Missões por possuir a maior diversidade de identidades. No entanto apresenta a menor diversidade étnico-cultural regional.</li> <li>- No caso de São Borja, sua trajetória histórica materializou símbolos que interferem na construção identitária micro-regional como: Guerra do Paraguai, ex-presidentes, missões.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Dos Sete Povos das Missões, São Borja é a única municipalidade que faz fronteira com outro povoado missioneiro, localizado na margem oriental do Rio Uruguai;</li> <li>- Considerado o “Primeiro dos Sete Povos das Missões”;</li> <li>- São Borja “Terra dos Presidentes”</li> <li>- A figura do gaúcho missioneiro, apresenta suas maiores materializações nessa identidade. Por mais que seja mais publicizado na identidade missioneira-reducional.</li> </ul>
Identidade missioneira-reducional	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Região de influência dos sítios arqueológicos, constituída pelos municípios de (São Miguel das Missões, São Luis Gonzaga, São Nicolau, Santo Ângelo, Pirapó, Dezesesseis de Novembro, Rolador, Caibaté, Vitória das Missões, Entre Ijuís, Eugênio de Castro).</li> <li>- Esta micro-região destaca-se por concentrar a maior demanda e principais políticas culturais e turísticas regionais.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Por estar no entorno dos quatro sítios arqueológicos de: São Miguel Arcanjo, São João Batista, São Lourenço e São Nicolau. Além da proximidade de Santo Ângelo. Esta micro-região destaca-se por possuir a maior quantidade de resquícios do período reducional.</li> <li>- Esta maior quantidade de elementos culturais materializados, expõe está micro-região como sendo a identidade missioneira autêntica.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Santo Ângelo “Capital das Missões”;</li> <li>- Ruínas de São Miguel das Missões, Patrimônio Mundial da Humanidade;</li> <li>- A figura mitológica de Sepé Tiaraju é exaltada nessa micro-região. Sendo reconhecida como área de nascimento de Sepé.</li> <li>- Micro-região se auto-define como sendo a região missioneira.</li> </ul>

Identidade missioneira-européia	<p>Região de influência de diversas etnias européias como: alemã, italiana, polonesa, russa. Estão nessa área os seguintes municípios: Porto Xavier, São Paulo das Missões, Roque Gonzales, São Pedro do Butiá, Salvador das Missões, Cerro Largo, Ubiretama, Mato Queimado, Guarani das Missões, Sete de Setembro e Giruá).</p> <p>- Está micro-região destaca-se pelas pequenas propriedades rurais e agricultura familiar. Socialmente apresenta uma miscigenação cultural.</p>	<p>- A maioria das municipalidades pertencentes a esta micro-região, estão identificadas com as identidades culturais de suas respectivas etnias.</p> <p>- A identidade missioneira torna-se híbrida entre as identidades étnicas através do contato dos descendentes com os bens materiais e discursos regionais.</p> <p>- Portanto, esta identidade caracteriza-se por “misturar” elementos de diversas etnias.</p>	<p>- A diversidade cultural missioneira;</p>
---------------------------------	--	---	--

Quadro 1: Características sociais, culturais e econômicas da Região Missioneira

✓ *Identidade missioneira-pampeana:* por estar localizada na Campanha Gaúcha, apresenta manifestações culturais identificadas com a lida campeira e a figura do gaúcho. Nessa região, verifica-se um número maior de elementos culturais que representam a figura do gaúcho missioneiro, por mais que este tipo social esteja representado em todo o território das missões.

Um fator que torna-se um marcador de diferença desta micro-identidade, em relação a outras identidades regionais é o fato de o segundo ciclo das Reduções Jesuítico-Guarani terem surgido da Redução de São Francisco de Borja (considerado o “Primeiro dos Sete Povos das Missões”). Em São Borja, nota-se uma disputa da identidade missioneira com outras identidades, como a trabalhista, ribeirinha e gaúcha.

✓ *Identidade missioneira-reducional:* por estar localizada no entorno dos quatro sítios arqueológicos reducionais, esta identidade atualmente é reconhecida com a autêntica identidade missioneira. Nesta região concentra-se a maior quantidade de resquícios do período reducional, o que consolidou o discurso e pertencimento da população local em relação à identidade regional.

Nesta identidade, notam-se os maiores esforços regionais para a utilização da cultura missioneira, como atrativos para o turismo cultural. A figura mítica de Sepé Tiaraju representa um vetor de sustentação para a auto-afirmação da identidade missioneira.

✓ *Identidade missioneira-européia:* esta micro-identidade missioneira é regionalizada em municípios que foram colonizados por imigrantes europeus. Com o planejamento do turismo regional, as áreas identificadas com as identidades étnicas foram planejadas de forma a serem reconhecidas como um diferencial do tipo missioneiro. Na verdade, a diversidade cultural tornou-se um atrativo a mais para o planejamento turístico das Missões. O que se observa é uma disputa da identidade missioneira com as outras identidades micro-regionais. Por mais que ela esteja híbrida entre as mesmas. Esta percepção de que a identidade missioneira esta fragmentada em outras identidades regionais é uma interpretação inovadora do estudo proposto, pois tanto nos estudos do IPHAN, assim como nos trabalhos acadêmicos, a região das Missões é percebida através de um olhar unificado, fechado, cristalizado.

O que é relevante comentar é o fato de que existem diferenças dentro da própria identidade entendida como hegemônica na região. Nesse sentido, cabe descrever que os próprios projetos culturais e turísticos divulgam os “produtos missioneiros” como se a cultura

missioneira estivesse apenas concentrada no entorno dos sítios arqueológicos e de Santo Ângelo. No entanto, a região das Missões possui comprovadamente diversas identidades, que estão realizando no espaço diversas trocas culturais, o que permite questionar a unificação identitária missioneira.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo proposto centrou-se na análise da construção das identidades constituídas na Região Histórica das Missões Jesuítica-Guaranis no Brasil, a partir da interpretação das paisagens culturais regionais. No decorrer do estudo foi dada atenção para a interpretação dos espaços sociais missioneiros. Para tanto, foi utilizado como matriz teórica às reflexões do pensador francês Guy Di Méo.

A partir da realização do estudo, propõem-se uma abordagem inovadora para a Geografia Cultural missioneira. Dentro desse cenário, nota-se que os estudos missioneiros possuem carências de reflexões críticas sobre como a sociedade esta construindo suas representações culturais e de que forma estas paisagens estão interferindo nas transformações dos espaços humanizados e na construção das identidades espaciais regionais.

O estudo proposto procurou instigar as discussões referentes à construção das identidades missioneiras, através de uma percepção desnaturalizada de cultura, ou seja, buscou discutir as narrativas identitárias sócio-espaciais através da matriz do hibridismo cultural. Nestas discussões, foi dada atenção para a realização de análises geográficas do cenário missioneiro, principalmente do espaço social e de suas representações culturais. Para tanto, houve o dialogo com conceitos inerentes a outras áreas do conhecimento, como: conceitos de cultura, identidade, patrimônio, historiografia missioneira, políticas culturais, turismo, entre outros.

Neste sentido, uma das grandes contribuições do estudo, foi pensar as representações culturais missioneiras e suas contribuições para as transformações dos espaços humanizados. Nas últimas décadas, nota-se a falta de pesquisas que interpretem a construção das identidades missioneiras, pois IPHAN preocupa-se em inventariar e planejar o patrimônio material regional. Além da falta de estudos identitários, percebe-se a necessidade de refletir as Missões Jesuítica-*Guaranis* através da matriz geográfica, pois nos últimos anos o espaço regional vem sofrendo transformações decorrentes dos projetos

turísticos, assim como vem sendo planejado pela UNESCO, o Guia das Paisagens culturais das Missões. Fatores que comprovam a necessidade de pensar a região através de uma percepção voltada para a geografia cultural.

A utilização de Guy Di Méo como base teórica para a realização das reflexões, foram de grande valia, pois o autor através de suas publicações consegue com propriedade discutir os espaços sociais. Seus pensamentos tornam-se caros, pois relaciona os conceitos geográficos, aos sociológicos e antropológicos. Suas idéias tornam-se essenciais para pensar a construção das identidades sócio-espaciais, pois discute sobre temas estratégicos para as épocas de hoje, como: a relação patrimônio-território; paisagens identitárias; símbolos culturais; manifestações artísticas (festas e festividades); lugares de memória, espaços-temporais, entre outros.

Para estruturação do artigo, seguiu-se os raciocínios de Di Méo, que centrou-se num primeiro momento da análise conceitual da patrimonialização do território e suas relações com o espaço missioneiro. Na sequência foi dada atenção para análise das paisagens culturais missioneiras que foram representadas nos festivais musicais. No terceiro momento refletiu-se sobre a constituição das identidades sócio-espaciais regionais.

No que diz respeito à patrimonialização do território missioneiro, pode-se afirmar que os sítios arqueológicos, também chamados de Parque Histórico das Missões, assumem um papel estratégico na dinâmica espaço-territorial regional. Seus resquícios arquitetônicos são considerados os principais símbolos regionais, fator que gera proteção federal e consequente segregação territorial perante as demais áreas missioneiras. Suas formas físicas contribuem para a proliferação de alteridades sociais e formas de dominação no espaço regional.

Cabe comentar, que os elementos culturais regionais foram de grande importância para análise das paisagens e da construção identitária, pois conforme Di Méo o patrimônio escreve uma dialética de troca de relações com a criação do concreto e do abstrato, do material e da idéia, da profania e do sagrado. Tal relação, que vem de acordo com as sociabilidades e representações culturais missioneiras.

Em relação às paisagens culturais, pode-se afirmar que conceitualmente tais representações estão perfeitamente identificadas com a interdisciplinaridade. No caso da Região Missioneira, pode-se afirmar que as paisagens culturais estão sendo pensadas a partir de uma visão estética e turística-patrimonial. Esse panorama traz para o cenário os objetivos

das políticas culturais em planejar a cultural regional através de símbolos fixos que possam abastecer o mercado turístico.

Esse objetivo materialista da imagem, contradiz os conceitos de Di Méo, que classifica as paisagens como representações de memória, que se manifestam sobre os pontos de do patrimônio, dos lugares de vida, e das formas espaciais da atividade econômica, portanto ela possui sentidos abstratos, mas é projetada num espaço sólido entre o território e patrimônio.

A partir dos festivais musicais regionais, pode-se observar que as simbologias culturais missioneiras estão constantemente sendo exaltadas pelas composições artísticas. No decorrer destes eventos foi possível identificar suas implicações geográficas e os discursos reproduzidos pelas paisagens expostas. Cabe destacar, que as áreas de localização dos festivais estudados, ocorreram em espaços simbólicos para as Missões, como (Catedral Angelopolitana de Santo Ângelo e Rio Uruguai).

Em relação às funções dos festivais, percebeu-se que a ideologia gaúcha cambia-se com as manifestações missioneiras, e na funcionalidade política, tais festividades contribuem para a valorização do patrimônio e afirmação da identidade regional. Neste sentido, pode-se afirmar que a espiritualidade e as manifestações religiosas ainda permanecem como discursos constantes nas Missões, representações essas que estão vinculadas as características sociais do período reducional, e ao mesmo tempo expõem o pertencimento a valores e resquícios reducionais existentes na atualidade.

Para concluir, cabe comentar após a interpretação do patrimônio, das paisagens culturais, do território, e das festividades culturais, que a região das Missões não possui uma identidade unificada, mas sim diversas identidades regionais. Na verdade, prospectamos três micro-identidades regionais (Identidade missioneira-pampeana, identidade missioneira-reducional, e identidade missioneira-européia), que foram divididas a partir de quesitos, como: características econômicas, culturais, sociais, territoriais e marcadores de diferença regional. No entanto, torna-se pertinente ressaltar que a fragmentação identitária das Missões, não necessariamente se encerra nessa reflexão. A intenção dessa teoria preocupa-se em instigar as pesquisas e reflexões sobre as transformações identitárias missioneiras e suas relações com a constituição dos espaços sociais.

Sendo assim, afirma-se que a Geografia Cultural tornou-se nos últimos anos uma linha de pesquisa essencial para os estudos culturais, uma vez que pode refletir de forma crítica e



integrada como as identidades estão interagindo com as questões espaciais. Para tanto, torna-se necessário pensar as representações culturais a partir de uma visão não estática, que valorize os marcadores de diferença e as trocas culturais.

## REFERÊNCIAS

- ARIZPE, L; NALDA, Enrique. Patrimônio Cultural, turismo e desenvolvimento. In: CANCLINI, N (Org). **Culturas da Ibero-América: Diagnósticos e propostas para seu desenvolvimento**. São Paulo: Moderna, 2003, p. 222
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003.
- BERQUE, Augustin. Paisagem-Marca, Paisagem-matriz: Elementos da Problemática para uma Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny. **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- CARTA DE BAGÉ**. Bagé: 2007.
- CENTRO NATIVISTA BOITATÁ. **Festival Ronda de São Pedro**. Disponível em: <<http://www.boitata.com.br/>>. Acesso em: 11 de fevereiro de 2012.
- CUCHE, Denis. **Noção de cultura nas Ciências Sociais**. Bauru: EDUSC, 2002.
- GUTIERREZ, Ramón. **As missões Jesuíticas dos Guaranis**. Rio de Janeiro: SPHAN, 1987.
- HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- IPHAN; IAPH; URI. **Levantamento do Patrimônio Cultural e Natural da Região das Missões**. Santo Ângelo: 2008. Disponível em: <<http://www.urisan.tcche.br/~iphan/upload/downloads/file669.pdf>>. Acesso em: maio. 2011.
- IPHAN. **Reflexões sobre a Chancela das paisagens culturais brasileiras**. Brasília: MINC, 2011.
- LEFEBVRE, Henri. **Revolução Urbana**. Tradução Sérgio Martins. Belo Horizonte: editora UFMG, 1999.
- MÉO, Guy di. SAUVAITRE, Claire. SOUFFLET, Fabrice. Les paysages de l'identité (le cas du Piémont béarnais, à l'est de Pau). In: **Geocarrefour**, vol 79/2, 2004.
- MÉO, Guy di. BULEON, Pascal. **L'espace social, lecture géographique des sociétés**. Armand colin, 2005. 303 p

MÉO, Guy di. Le renouvellement des fêtes et des festivals, ses implications géographiques.

In: **Annales de géographie**, 2005/3 n° 643, p. 227-243.

MÉO, Guy di. Patrimoine et territoire, une parente conceptuelle. In: **Espaces et Sociétés**, Éditions L' Harmattan, n.78, 1995.

NEUMANN, Eduardo. **O Trabalho Guarani Missioneiro no Rio da Prata Colonial 1640-1750**.

Porto Alegre: Martins Livreiro, 1996.

OS ANGUERAS. **Festival da Barranca**. Disponível em:

<<http://www.angueras.com.br/barranca1.html>>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2012.

POENITZ, Luego. Modelo Reduccional Jesuítico. In: **Curso do Programa de Conservação, Gestão e desenvolvimento sustentável da Região das Missões Jesuíticas Guaranis**. Trinidad, Paraguai: WTF/ UNESCO, 2005.

“AUTOR”. **A construção da identidade missioneira no Rio Grande do Sul e as políticas culturais no Sul do Brasil**. Santa Cruz do Sul: UNISC, Universidade de Santa Cruz do Sul, 2011. Dissertação de Mestrado.

POMMER, Roselene. **Missioneirismo: a produção de uma identidade regional**. Tese de Doutorado. Porto Alegre: UNISINOS - Universidade do Vale do Rio do Sinos, 2008.

PREFEITURA DE SANTO ÂNGELO. **Festival Canto Missioneiro**. Disponível em: <<http://www.cantomissioneiro.com.br>>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2012.

RAMOS, Antônio Dari. A formação histórica dos municípios da Região das Missões do Brasil. In: IPHAN; IAPH; URI. **Levantamento do Patrimônio Cultural e Natural da Região das Missões**. Santo Ângelo: 2008. Disponível em: <<http://www.urisan.tche.br/~iphan>>. Acesso em: 11 dezembro de 2011.

SAUER, Carlos. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Paisagem, tempo e cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço geográfico: técnica tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hugitec, 1996.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.

**Artigo recebido em 26/03/2012.**

**Artigo aceito em 12/06/2012.**